

DUAS CIDADES EM UMA: A PELOTAS DE FRANCISCO E DE SALVADOR*

TWO CITIES IN ONE: THE FRANCISCO'S AND SALVADOR'S PELOTAS

Lorena Almeida Gill¹

Resumo: A história de vida de Francisco e de Salvador permite que se pense sobre as duas representações mais importantes referentes à tuberculose: a perspectiva romântica e a doença na condição de mal social. Isto porque a cidade viveu um período de efervescência cultural, fruto de uma situação econômica favorável, na segunda metade do século XIX, o que possibilitou a construção de inúmeras manifestações no campo das artes e da literatura; por outro lado, após o esgotamento do ciclo do charque, teve dificuldades em encontrar outras formas de desenvolvimento produtivo, fazendo com que milhares de pessoas vivessem em uma situação bastante precária, ocasionando a proliferação de várias doenças, dentre elas a tuberculose.

Palavras-chave: Cidade, História, Tuberculose.

Entre os anos de 1890 e 1930 a tuberculose se constituía como uma grande epidemia, causadora de mortes em número elevadíssimo em várias cidades brasileiras, dentre elas Pelotas, no Rio Grande do Sul.

A doença, além de todo esse sofrimento e solidão que ocasionava, trazia consigo várias formas de representações, que eram reelaboradas continuamente.

O conceito² utilizado para a representação revela que a tuberculose, ao mesmo tempo em que, muitas vezes, inexistiu como objeto, sobretudo quando se pensava, ou melhor, se executava projetos vinculados a políticas públicas para a saúde,

* Este artigo, com algumas modificações, faz parte do capítulo 1 da tese intitulada “Um mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas”, defendida em março de 2004, junto à PUCRS.

¹ Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E – mail: lgill@terra.com.br

² Conceituar representação não é tarefa fácil. Para a definição de um conceito utilizou-se, sobretudo, Roger Chartier (1990, p. 19), que pensa a representação “[...] como algo que permite ‘ver um ausente’ ou como uma ‘exibição de uma presença’”. Para o autor devemos trabalhar com a premissa que as representações do mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as criam.

necessariamente se fez presente como imagem, capaz de mantê-la na memória, mesmo daqueles que, a princípio, encontravam-se afastados de sua existência.

A partir de diferentes concepções acerca do corpo e da doença, a primeira representação existente “[...] definia a tuberculose como uma doença ‘da constituição’, ou seja, nascia-se com o organismo predisposto ou com a moléstia”³. A idéia de que a hereditariedade era fator determinante para a aquisição da doença permaneceu durante muito tempo, fazendo com que fosse dado como certo o fato de que o filho de um tuberculoso, necessariamente sofreria do mesmo mal.

Uma outra imagem, importada da Europa, relacionava a doença ao amor, às artes, ao refinamento. Foi denominada de visão romântica. “De acordo com a mitologia da tuberculose, geralmente há alguns sentimentos de paixão que provocam o ataque da doença ou que se exprimem nesse ataque. Mas as paixões devem ser contrariadas e as esperanças, frustradas”⁴.

Segundo Sontag⁵ a tuberculose, junto com o câncer e a sífilis, são as doenças que têm “[...] as maiores possibilidades de serem usadas como metáforas”. Para a tuberculose, o seu equivalente seria a tristeza, a educação e a sensibilidade.

O ar triste e contemplativo aparecia, na maior parte das vezes, nos jovens que deveriam ter toda a vida pela frente. “Nessa época, para o tísico, a idade em que se ama é também aquela em que se morre. O tempo das grandes esperanças é o dos sonhos desfeitos”⁶. Era por isso vista como uma doença egoísta em sua essência, tanto por roubar o tempo que cabia aos mais novos, quanto por enclausurar os enfermos em si mesmos. “Sob o ponto de vista psicológico, pode-se afirmar que, de todas as moléstias, a tuberculose é a que melhor mantém e exala ao mais alto grau possível a ‘contemplação sugestiva do eu’, verdadeira afirmação mórbida da alma, profundamente incurável”⁷.

³ GONÇALVES, Helen. *A Visão do Paciente: Além da “Adesão” ao tratamento da tuberculose*. Porto Alegre, 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFRGS, 1998, p. 17.

⁴ SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 31.

⁵ SONTAG, Susan. Op. Cit., p. 79.

⁶ SOURNIA, Jean-Charles e RUFFIE, Jacques. *As Epidemias na História do Homem*. Portugal: Edições 70, 1984, p. 146.

⁷ Jornal *A Opinião Pública*, 14 de dezembro de 1906, p.1.

Reforçando a representação romântica e a importância da hereditariedade para a moléstia, um relatório oficial referiu que não havia fronteiras para a tuberculose:

Procedentes de Estados do norte aporta freqüentemente ao Rio Grande um número considerável de moços, militares, engenheiros, médicos, comerciantes, etc., etc., atraídos pela superioridade salúbrica do nosso clima; e, aqui chegados, com o aspecto melancólico e romântico, próprio da moléstia, seduzem nossas jovens patricias, induzindo-as aos laços matrimoniais. Doentes, condenados, vão produzindo gerações de nevropatas, de *detraqués*, contaminados do mal da origem. Como evitar tal inconveniente? Seria necessário regular-se o casamento, não se consentindo que indivíduos afetados de moléstias, que se transmitam por herança, pudessem pretender organizar família⁸.

Somente no início do século XX, a percepção de que a tuberculose tratava-se de um mal social começou a se solidificar. Isto não quer dizer que, necessariamente, caberia ao poder público modificar a situação precária de infra-estrutura vivida pela maior parte da população, a fim de evitar o adoecimento; na maior parte das vezes, o culpado aparecia como sendo o indivíduo, que, no final das contas, não dispunha de recursos financeiros que propiciasse a ele e a sua família melhores condições de moradia, higiene e trabalho.

É por isso que junto à visão de doença das civilizações, que remetia às condições sociais em que o enfermo estava inserido, aparecia também sua representação como uma doença individual. Em determinados momentos, um ou outro fator (social/individual) preponderava, o que não significava que o outro era excluído.

Enfermidade social para muitos, do meio ambiente urbano para alguns, do trabalho excessivo para outros, a tuberculose como tema médico penetrou na sociedade e na cultura e foi um recurso discursivo presente na literatura, na imprensa, no ensaio político e sociológico. Serviu então para falar de muitas coisas⁹.

⁸ Relatório da Secretaria do Estado do Interior e Exterior de 1900, p. 7, Centro de Documentação e Obras Valiosas (CEDOV), Biblioteca Pública Pelotense (BPP).

⁹ ARMUS, Diego. Salud y anarquismo. IN: PRIETO, Agustina (org.). *Política, médicos y enfermedades: Lecturas de Historia de la salud en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996, p. 94. Tradução livre da autora.

Ancorada em pressupostos da história cultural, portanto, é possível pensar a tuberculose como uma doença que cria essa série de significados, constituindo um imaginário social extremamente rico. E é justamente na cidade que estes significados são expressos, inclusive através de transformações no chamado meio urbano.

Para a escrita do artigo foi feita uma pesquisa documental em jornais de Pelotas especialmente o *Diário Popular*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, e outros periódicos, que conjuntamente se colocavam em oposição, além da análise dos arquivos do Centro de Documentação e Obras Valiosas, da Biblioteca Pública Pelotense.

FRANCISCO

No dia 12 de julho de 1853, nasceu em Pelotas aquele que pode ser considerado o poeta¹⁰ mais popular da cidade, Francisco Lobo da Costa. Proveniente de uma família humilde trabalhou em vários jornais como tipógrafo e redator, chegando até mesmo a ser proprietário, com dezesseis anos, de uma pequena folha trisemanal, de conteúdo “literário, crítico e noticioso”, “A Castália”, fundada em 24 de setembro de 1869, cuja existência foi medida em meses, e dos semanários “A Lanterna” e “O Trovador”, ambos organizados em 1876, ano em que regressou de São Paulo para Pelotas, após uma tentativa frustrada de cursar a Faculdade de Direito.

Francisco atuou também nos periódicos “Arcádia”, fundado em 12 de maio de 1867, que tinha como proprietário Antônio Joaquim Dias; “Jornal do Comércio” (que começou a circular em 1869), quando este também pertencia a Dias; “Diário de Pelotas”, fundado em 1º de janeiro de 1868 pelo imigrante Ernesto Augusto Gerngross e no jornal “Onze de Junho”, periódico de Antonio Moncorvo Jr., que, embora tenha surgido a serviço do Partido Conservador (1867), posteriormente, se manteve como órgão independente, defendendo com vigor a causa abolicionista.

¹⁰ Lobo da Costa também se dedicou à prosa (Espinhos d’Alma, Tempestades no Lar, A Cabana das Violetas, Sabatina, Fantasias de um Morto, Angelina) e a textos teatrais (O Filho das Ondas, Amores de um Cadete, A Bolsa Vermelha, O Maçom e o Jesuíta, Assunção ou a Morte do Tirano Lopez, O Veterano, Brasil-Portugal).

Em Rio Grande, escreveu para o “Echo do Sul” e o “Investigador”. No primeiro, teve publicado alguns de seus versos feitos aos 12 anos de idade.

Toda essa vinculação com o jornalismo, fez com que concebesse alguns poemas, enaltecendo o papel que os periódicos tinham na formação dos cidadãos. Podem ser citados, como exemplo, “A Imprensa” e “Lemnos Futuros”, onde diz: “Trabalhar... lutar! A imprensa tem uma enorme missão: Fazer do povo uma crença, fazer desta uma nação”¹¹.

Embora necessitasse do trabalho de jornalista para o seu sustento, o seu interesse era, de fato, a poesia. Uma poesia que, segundo Magalhães¹², teve como uma das suas marcas a denúncia de desigualdades sociais, das quais o próprio Lobo da Costa acabou sendo vítima no decorrer de sua vida.

O poeta viveu apenas 35 anos, sendo um dos legítimos representantes do romantismo, não só pela obra que construiu, mas também por ter composto e reforçado aquilo que se esperava de um romântico: uma vida apaixonada, desregrada, boêmia e doente.

Durante três anos, Lobo da Costa sofreu de uma enfermidade, que fazia com que se internasse na Santa Casa, com bastante frequência, às vezes durante longos períodos de tempo. O jornal “A Discussão” de 28 de janeiro de 1885, p. 2 noticia que Francisco encontrava-se doente, tendo um mal próprio daqueles que se dedicavam à escrita¹³. A primeira vez que Lobo da Costa se hospitalizou foi em 5 de fevereiro de 1885, deixando a casa de saúde no dia posterior. A profissão aparecia como a de jornalista, a moléstia, “delirium tremens” e esta foi a única vez em que esteve em um quarto particular.

Na segunda, a data de entrada foi em 3 de junho do mesmo ano, não aparecendo o dia em que saiu. Nesse registro, chama a

¹¹ COSTA, Lobo da. *Obra poética*. Lobo da Costa; pesquisa, introdução, notas e glossário de Alice Campos Moreira. Edição Crítica. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL; FAPERGS, 1991, p. 229.

¹² MAGALHÃES, Mário. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: ED. da UFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993, p. 275.

¹³ “Como todos aqueles que cultivam as letras, Lobo da Costa acha-se gravemente enfermo e sem meios de subsistência, cumprindo a sina imposta aos infatigáveis obreiros das letras”.

atenção o fato de que no lugar onde deveria aparecer a doença, o espaço encontra-se em branco, tendo sido apagada a informação anteriormente redigida.

No dia 23 de abril de 1887, Francisco voltou ao hospital, saindo somente no dia 8 de janeiro do ano seguinte, sendo, a causa da internação, a mesma da primeira vez. Apenas alguns dias após, em 31 de janeiro, Lobo da Costa retornou, tendo alta em 10 de abril. Desta vez, o motivo da internação aparecia como “nervosismo”. Um dia depois de ter saído, regressou, deixando o hospital no dia 17 de junho de 1888, segundo os registros. Alguns autores¹⁴, que escreveram sobre sua vida, revelam que a data da saída foi, na verdade, no dia 18 de junho, quando teria fugido do hospital.

Sentindo-se livre e com algum dinheiro no bolso, fruto de uma campanha de arrecadação efetuada por alguns jovens admiradores, bebeu em várias tavernas. Embriagado, acabou caindo em uma vala na zona leste da cidade, identificada, na época, como Santa Cruz, onde morreu em uma noite fria de inverno.

Os obituários dos jornais da época noticiaram a morte de Lobo da Costa de uma maneira que vinculava – como era comum – o alcoolismo a vários outros vícios e males presentes na sociedade. O jornal “Progresso Litterario”, no dia 1º de julho de 1888, p. 1, ao relembrar o poeta, assim dizia:

[...] Mal surgira ele ante o risonho pórtico da mocidade, e já a desgraça tenaz como a sombra que segue o corpo, abriu-lhe os braços e, cingindo-o num fatal e apertado amplexo, beijou-lhe, sequiosa a fronte, essa bela fronte iluminada pelas lípidas fulgurações de um estro invejável! [...] Mas essa desgraça – a que se traduz pelos desvarios de uma mocidade fácil em ceder a febris e turbulentas paixões – essa desgraça, ou antes não sabemos que sombria fatalidade, fê-lo passar por um crivo de infortúnios e calamidades, as quais teve de ceder, indo, estragado de saúde e de inteligência, resvalar na caridosa enxada de um hospital.

Ainda que tenha morrido vítima do álcool¹⁵, sua existência esteve fatalmente ligada também à tísica. Conforme Fagundes¹⁶

¹⁴ Ver, por exemplo, o já citado COSTA, Lobo. *Obra poética*. Op. Cit., e MAGALHÃES, Mário. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Op. Cit.

¹⁵ No mesmo período em que Francisco esteve internado, aparece o nome de seu irmão, Luiz Lobo da Costa como outro doente do hospital. A

revelou, o grande amor de sua vida foi Elvira, irmã de Saturnino de Arruda, seu colega redator do jornal “Diário de Pelotas”, filho do charqueador João Mendes de Arruda.

São para ela poemas como “Escuta”¹⁷, de 1876:

[...] És tu a alvorada brilhante que surge
No céu de meus sonhos banhada de olor...
Brilhante santelmo que as noites me aclara
Nas cismas perdidas de um culto de amor.

És tu de minh'alma suave esperança
Que a idéia da glória no crânio me inspira,
Viver d'outro afeto!... sagrar novo culto?
Não creias que o posso... não creias... Elvira!

Jurei! Meu protesto selei-o com prantos
Chorados em noites de ausência sem fim....
Não há quem me arranque do peito esse afeto
Que és tu sobre a terra senhora de mim!

Elvira de Arruda, segundo informou Mário Magalhães, morreu em janeiro de 1883, aos 22 anos, vítima de tuberculose pulmonar, provavelmente impedida de se casar com aquele que, apesar de reconhecido por seu talento extraordinário, foi duramente censurado pela maneira como se portava diante da sociedade pelotense¹⁸.

Mozart Russomano, em livro¹⁹ homenageando os cem anos de nascimento do escritor, assim expressou as dificuldades da relação entre Francisco e Elvira:

moléstia era também “delirium tremens”. Luiz Lobo da Costa teve uma morte bastante semelhante a de Francisco. O jornal “Echo do Sul”, de Rio Grande (29/8/1893, p.2) assim noticiou: “Foi encontrado morto pelo frio na sarjeta fronteira ao Mercado Público, o sr. Luís Lobo da Costa, maior de quarenta anos, ex-guarda-fiscal e irmão de F. Lobo da Costa. Luís Costa há muito tempo padecia de amolecimento cerebral. Em Pelotas”.

¹⁶ FAGUNDES, Morivalde Calvet. *Lobo da Costa – ascensão e declínio de um poeta*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1954.

¹⁷ COSTA, Lobo da. Op. Cit., p. 107.

¹⁸ MAGALHÃES, Mário Osório. *História aos domingos*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2003. Segundo o autor Elvira de Arruda estava prometida a outro, quando veio a falecer.

¹⁹ RUSSOMANO, Mozart, VELLINHO, Moisés e DAMASCENO, Athos. *Evocação de Lobo da Costa*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo S.A, 1953, p. 6.

[...] Lobo da Costa, essencialmente poeta e artista, chegou a quimera de se apaixonar por uma filha de distinta família pelotense. A moça, atraída pelo seu estro, embalada nas canções melodiosas que ele lhe deu, cedera ao apelo e parecia amá-lo. Era, porém, razoável que tão mau partido fosse rejeitado pelos pais da enamorada, a quem nada importava a arte de bem fazer versos para a segurança do matrimônio burguês. Foi esse o golpe decisivo na vida de Lobo da Costa.

Os problemas em suas relações pessoais acabavam compondo muito de sua obra, que se tornou bastante crítica com relação à sociedade em que vivia e aos regramentos que esta impunha. Somente para citar um exemplo, em 1883, Lobo da Costa, vivendo em Dom Pedrito, escreveu para a “Gazeta Pedritense”. No jornal, compôs o drama “O Filho das Ondas”, encenado pela Sociedade Thalia Pedritense, cujo assunto era “[...] uma crítica aos costumes da aristocracia da época, que tudo se permite em questões de amor e despreza a situação do pobre, tripudiando sobre a inocência ludibriada e sobre a confiança dos homens simples”²⁰.

Contemporâneo de Lobo da Costa foi o escritor Paulo Marques de Oliveira Filho (1857-1884) que, embora negasse as marcas e estereótipos do romantismo, pois se dizia realista, percebia a sua doença – a tuberculose – como um flagelo, mas também como uma espiritualização da consciência. O jornal “Tribuna Litteraria”, de 1º de janeiro de 1882, p. 3, do qual era redator, publicou a notícia de que Paulo Marques, teria sido “[...] surpreendido em meio de seus labores, por uma enfermidade bastante impertinente e algum tanto grave[...]”, tendo por isso que se ausentar da cidade “[...] em busca de ares mais puros”.

No dia 22 de janeiro do mesmo ano, na página 2, foi publicada uma carta de Paulo Marques ao seu amigo e também redator do jornal, Francisco de Paula Pires, remetida de Alto Belo, onde dizia:

Há justamente uma semana que cheguei a este bellissimo lugar. O campo é sempre poético. Quando a gente esgueira os olhos pelas verdes planícies, que parecem confundir-se com o céu, sente que os pulmões respiram mais livremente e a solidão nos encanta, nos embevece, nos inspira: sentimo-nos poeta! Longe do bulício da cidade, do ruído da sociedade, e, o que mais é, da

²⁰ CLEMENTE, Elvo. *Aspecto da vida e obra de Lobo da Costa*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria Selbach, 1953, p. 20.

consciência forçada, parece-me que a vida se elastece mais, e que os dias são mais longos, mais amenos, mais cheios de encanto e poesia. Havia seguramente doze anos que não respirava o ar livre dos campos, porquanto sempre participei da atmosfera cálida e complexa das cidades, que asfixia, que embota e entorpece os sentidos. Só mesmo uma enfermidade física forçar-me-ia a vir pairar nestes lugares!

Agora, voltando a Lobo da Costa, como era a Pelotas em que vivia?

Na segunda metade do século XIX, era a cidade dos barões do charque, que através do seu poder econômico, político e social, definiam **aquilo** e **quem** era importante. Francisco, na época em que viveu, não foi.

No auge da produção (1860-1890), a cidade contou com cerca de 40 charqueadas, que trouxeram um grande crescimento econômico para a região, fazendo com que Pelotas e Porto Alegre praticamente se equiparassem em desenvolvimento, no período do Império²¹. João Simões Lopes Neto²², em um texto publicado no jornal *Diário Popular* de 1º de janeiro de 1893, revelou que além das charqueadas e muito em decorrência destas, havia moinhos e curtumes, fábricas de chapéus, de guano e cola, de sabões e sabonetes, de papel, vidro, fumo, vinhos, além de indústrias de móveis, carruagens e cerâmicas. A atividade comercial praticada, sobretudo, em áreas próximas à Praça da República, era a mais variada possível e contou com o trabalho de um número significativo de imigrantes²³.

A riqueza de Pelotas, derivada dos lucros com o charque, fez com que não só os brasileiros, mas também portugueses, italianos,

²¹ Conforme MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., 1993.

²² João Simões Lopes Neto nasceu em Pelotas a 9 de março de 1865, falecendo no dia 14 de junho de 1916. Autodidata, é um dos nomes mais importantes de nossa literatura. Seus livros: “Contos Gauchescos”, “Lendas do Sul” e “Casos de Romualdo” constituem obra original e sólida. BETANCUR, Paulo. *Grandes personagens da literatura gaúcha*. Porto Alegre: Plural Comunicação, 2003.

²³ A atividade comercial não era somente variada, como numerosa, tendo em vista um mesmo ramo de negócio. O jornal *A Opinião Pública* de 31 de janeiro de 1905, p. 2, noticia um acordo firmado entre os comerciantes de fazenda a varejo para fecharem suas portas às 20 horas, constando uma lista com o nome de 43 proprietários.

uruguaios, espanhóis, alemães e franceses, buscassem colocação no mercado de trabalho. Muitos desses desenvolviam funções bastante especializadas, sendo pintores, fotógrafos, maestros, construtores, professores, o que contribuiu, enormemente, para a realização de novas aquisições culturais²⁴.

Alguns autores afirmam que pouquíssimas charqueadas, na última década do século XIX, encontravam-se em funcionamento, o que ratifica a tese defendida por Magalhães, de que seu momento áureo foi efetivamente entre 1860 e 1890. Entretanto, o jornal *Correio Mercantil* de 19 de janeiro de 1895, p. 1, noticia uma reunião de charqueadores da cidade, apresentando uma lista daqueles que haviam comparecido ou mandado representantes. Nesta, constam vinte nomes de proprietários: Simões & Oliveira; Domingos G. da Costa; Manoel Raphael V. da Cunha; Lobo Vinhas & C.; João Antônio Netto; Pompílio Oliveira & C.; P.P. Augusto H. Nogueira, M. Nogueira; Barcellos & C.; João Jacintho Mendonça Azevedo; Brutus, Almeida & Mascarenhas; Brutus & C.; Heliodoro M. de Azevedo; João Tamborindeguy Filho; Miguel Amaro da Silveira; Por Francisco Nunes de Souza (Castro), Arthur Guilherme da Costa; Por Corrêa, Terra & C. e Francisco Santos & C., Silvestre F. Galvão; Borges da Costa; Bernardino Maia & C., Braga & Campos e Tavares, Irmão & C.

Esse número foi sofrendo um progressivo decréscimo no novo século. Assim, dados fornecidos pela Estatística do Município, publicada em 1911, anunciavam a existência, em Pelotas, de 16 fábricas de preparar charque: 15 no Primeiro Distrito Suburbano e 1 no Segundo Distrito.

Não há dúvidas de que a fabricação do charque vivia um período de crise²⁵, que se prolongava por vários anos – com a restrição do mercado pós-abolição – mas, ainda que diminuindo a

²⁴ Conforme ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária da UFPel, 2000.

²⁵ “A matança no período 1871-1885 atingiu a 5.016.606 bovinos, sendo os de maiores safras os seguintes anos: 1872, 478.859; 1873, 408.010; 1875, 389.759; 1876, 383.083; 1879, 385.469; 1880, 337.450. Na safra de 1919 foram abatidos apenas 61.070 bovinos”. COSTA, Alfredo. *O Rio Grande do Sul* (Completo estudo sobre o Estado). Porto Alegre: Livraria do Globo, II volume, 1922, p. 72, BPP.

produção, algumas indústrias continuaram com suas atividades durante o início do século XX. Em 1919, funcionavam somente cinco charqueadas: Pedro Osório & Cia, Tamborindeguy & Costa, Nunes & Irmão, Moreira & Filhos e Marciano Gonçalves Terra.

A expansão econômica, originária do período áureo da produção saladeiril, trouxe consigo progressos importantes, que fizeram com que Pelotas adquirisse ares de modernização: aumento da área de iluminação pública a gás, novos meios de transporte (bonde com tração animal em 1873 e bonde elétrico em 1915), fornecimento de água à população urbana, através de uma caixa d'água que ainda hoje abastece todo o centro da cidade e de quatro chafarizes importados da Europa na década de 1870, inauguração da Biblioteca Pública Pelotense em 1875, proliferação de clubes e associações recreativas, culturais, étnicas, teatrais, bailantes, carnavalescas, literárias, religiosas e a existência de um número importante de jornais diários, além de muitos semanários²⁶.

Artes e Letras eram pensadas e discutidas em inúmeras associações, que eram vistas como sinal de progresso e civilização²⁷. Havia grupos teatrais na cidade como o "Melpômene" (1884), o "Nova Euterpe" (1886), os "Filhos de Thalia" (1885-1888), o "G. D. Fênix Dramática", (1892) e "Grêmio Recreio dos Operários" (1888 a 1892). Ao mesmo tempo, Pelotas recebia numerosas companhias profissionais e amadoras que percorriam o Estado, realizando apresentações as mais variadas, algumas no Teatro Sete de Abril, fundado ainda em 1831, outras no Teatro italiano Dante Alighieri, localizado na rua Quinze, ou em espaços como o que possuía o clube carnavalesco Sectários de Momo²⁸.

²⁶ A nova infra-estrutura criada era, no entanto, muito deficitária, como mostram as notícias constantes sobre problemas na iluminação pública a gás, no fornecimento de água e na questão do esgoto, que mesmo com a aprovação de um projeto divulgado ainda em 1887, terá a construção só efetivada, em parte, em 1913, como será analisado em outro capítulo deste trabalho.

²⁷ LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

²⁸ LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. IN: *História em Revista*. Pelotas, v. 8, 37-68, dezembro de 2002.

As sociedades literárias também tiveram expressividade, ainda que durassem pouco tempo. Segundo Loner²⁹, nas duas últimas décadas do século XIX, existiam mais de dez associações literárias: “Culto às Letras” (1876), que deu origem a “Íris Brazilico” (ainda em 1876); “Grêmio Minervino” e “Demóstenes” (ambas de 1882); “Sociedade Apollinário Porto Alegre”(1884), vinculada ao jornal “A Penna”; “Termóphyllas e Clube X”, que editaram o livro “Charitas”, com o objetivo de auxiliar financeiramente Lobo da Costa, no fim de sua vida; “José Bonifácio” (1888) e ainda “Club Litterario Evolução”, ligado ao colégio do mesmo nome e “Club União dos Estudantes”, que publicou o periódico “Ensaios Litterarios” (entre 17 de julho de 1892 até 1893).

No tocante ao lazer, havia também saraus, bailes, acontecimentos em clubes sociais, bandas de música. O Parque Pelotense, construído em 1883³⁰ oferecia restaurante e “[...] aparelhos de ginástica, balanços, carrossel, equilíbrio da cobra, do berço, jogos de bola, do sapo, de argola, canchas circulares para corridas de bicicletas e a pé, etc”³¹. O Parque era propriedade de José Álvares Souza Soares que, no mesmo local possuía desde 1874, um Laboratório Homeopático, no qual eram produzidos medicamentos para vários tipos de enfermidades.

Mas se Lobo da Costa, com todo o seu prestígio de poeta, não podia nem mesmo freqüentar o teatro em que era encenada uma de suas criações³², imaginemos como era a vida de Salvador,

²⁹ LONER, Beatriz. Autores pelotenses no Império. IN: COSSON, Rildo (Org.). *O presente e o futuro das Letras*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPel, 2000.

³⁰ É noticiada a sua inauguração no jornal *Onze de Junho*, de 2 de fevereiro de 1883, p. 2.

³¹ *Jornal Correio Mercantil*, de 27 de agosto de 1899, p. 2.

³² Alfredo Ferreira em seu *Almanak Litterario e Estatístico do RS* (1893), p. 10, conta que em 29 de março de 1893 a pequena atriz rio-grandense Julieta dos Santos, fazia uma apresentação no Teatro Sete de Abril. “Toda a representação foi um delírio, foi um triunfo. Num dos entreatos, às portas da entrada apertava-se a multidão. Súbito ouviu-se uma voz, voz irritada como de quem altercava, voz soturna, rouca, cavernosa como de quem falasse de um poço. Aproximei-me. Em meio de um grupo gesticulava violentamente um homem desfigurado, a barba inculta, mal trajado. Pude distinguir o que dizia: reclamava também entrada, pois concorrera com o seu contingente

nosso outro personagem, cuja existência também esteve irremediavelmente ligada à tuberculose.

SALVADOR

Salvador Duarte tinha 32 anos quando entrou pela primeira vez na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, tal como Lobo da Costa. Brasileiro, solteiro, pardo, jornalista, esteve também internado durante cinco vezes no Hospital, sempre na Enfermaria Conde de Piratini, que recebia e tratava a maioria dos homens vitimados pela tuberculose pulmonar. Na primeira vez, no fim do ano de 1905, permaneceu entre 8 de novembro e 15 de janeiro de 1906 (68 dias). Neste mesmo ano voltou ao hospital em três ocasiões: entre 1º e vinte de março (19 dias), entre 27 de abril e 19 de maio (22 dias) e entre 11 de junho e 20 de agosto (70 dias). Em 1908 retornou ao Hospital, permanecendo internado por cinco dias, de 3 a 8 de junho, quando veio a falecer com 35 anos, a mesma idade com a qual morrera Francisco.

Mas, e a Pelotas de Salvador, como era?

Continuava tendo uma forte concentração da riqueza nas mãos de poucos, contudo, no início do século XX passava por uma crise econômica bastante intensa, isto porque a abolição da escravidão (com a extinção do principal consumidor do charque), a concorrência com os produtos do Prata e com a produção saladeiril em outras regiões da campanha rio-grandense, atingiram diretamente os charqueadores de Pelotas.

Em nível estadual, os problemas já vinham se exacerbando quando Júlio de Castilhos assumiu o governo do Estado, promovendo uma espécie de reorientação na economia gaúcha. A ênfase passou a ser a policultura, diretamente interessada no mercado local, o que acabou favorecendo a região serrana, em detrimento da campanha.

Bandeira³³ aborda, no entanto, que não foi somente a crise do setor da pecuária, que pode explicar as causas do declínio

para a festa. Só então compreendi tudo. Era Lobo da Costa. Tinha-se acabado de recitar uma poesia sua em homenagem à pequena Julieta”.

³³ ALONSO, José; BENETTI, Maria e BANDEIRA, Pedro. *Crescimento econômico da região sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas*. Porto Alegre: FEE, 1994, p. 18.

econômico. Segundo ele, deve ser considerado o fato de que os donos das terras deixaram de se voltar para outras atividades produtivas, como aquelas vinculadas à industrialização.

Para o autor³⁴, grande parte dos proprietários de extensões maiores de terras tiveram um comportamento conservador, o que fez com que não se arriscassem a novos empreendimentos. Mesmo que seus rendimentos fossem mais baixos, eram ainda suficientes para terem um padrão de vida elevado, que lhes permitia, inclusive, continuar comprando produtos importados e com isso prejudicando a construção de um parque industrial que atendesse à demanda da região.

Todavia, se a vida daqueles que possuíam bons recursos financeiros foi afetada pela nova conjuntura nacional e estadual³⁵, pode-se imaginar a situação dos outros que não possuíam, na maior parte das vezes, condições mínimas para a sua sobrevivência.

A população urbana era, em grande parte, constituída por contingentes de pessoas extremamente pobres, descendentes de escravos ou antigos trabalhadores de estância, que possuíam um baixíssimo poder aquisitivo³⁶. Alguns jornais diários os qualificavam como miseráveis e/ou “vagabundos”.

Não foi possível saber mais sobre a vida de Salvador, que apenas constava em uma lista de pacientes internados em virtude da tuberculose pulmonar. Fazia parte dos 4.512 registros hospitalares obtidos, sendo um nome entre tantos outros.

Outros, vários, milhares que pela pobreza em que viviam, foram acometidos de inúmeras doenças e também de uma depressão presente entre os que muitas vezes não viam outra solução, a não ser cometer suicídio.

As notícias sobre esta realidade foram inúmeras durante todo o período de tempo estudado, tanto assim que, no dia 9 de fevereiro

³⁴ ALONSO, José e outros. Op. Cit., 25.

³⁵ Também pelo plano internacional, as charqueadas acabaram sendo atingidas. A Primeira Guerra Mundial provocou a necessidade de uma grande quantidade de carnes, que não pode ser produzida nas charqueadas, cuja tecnologia era muito arcaica, fazendo com que seus produtos tivessem um alto preço para a comercialização, este foi um dos motivos facilitadores da entrada de um número significativo de frigoríficos estrangeiros no Brasil.

³⁶ Conforme ALONSO, José e outros. Op. Cit., 25,

de 1900, o *Correio Mercantil*, relatou que há muito tempo³⁷ havia-se concretizado uma espécie de acordo, assinado pelos jornais, de não publicizar outros episódios de suicídio ocorridos no município, imaginando que com isso poderiam, de alguma forma, frear o ímpeto daqueles que se encontravam deprimidos.

A matéria assinada por um cronista do quadro do *Correio Mercantil*, Thomaz, o Sagaz, serviu como uma denúncia de que um concorrente, o *Diário Popular*, havia descumprido o que tinha sido acertado anteriormente, contando sobre o suicídio de uma criança de apenas 12 anos, que, ao ver seu pai morto, teria disparado um tiro de revólver na cabeça³⁸.

A combinação manteve-se com mais ou menos severidade, e bons resultados, fugindo-se o mais possível à trágica realidade, e evitando-se pelo menos fazer estilo com as desgraças do próximo. Manteve-se até hoje em que, com grande surpresa, deparei no *Diário Popular* com uma notícia desta natureza [...]. É muito feio o procedimento do colega, dizendo uma coisa e fazendo outra. Ou o conterrâneo emenda para outra vez a mão, fazendo de conta que agora foi um descuido (Homero também cochilou), ou então rompe-se o convênio pela conduta que teve o *Diário*, que fica com a glória da figura triste que fez. Que diabo! É sempre figura...

O que parece ter acontecido, após o episódio citado, é que concretamente o acordo se desfez. As notícias sobre suicídios voltaram a aparecer, de forma impressionante, como aquela que foi publicada no jornal *A Opinião Pública*, de 20 de maio de 1924, p. 2, sobre a morte de Cypriano de Oliveira Costa, atacado por um “terrível mal”. Cypriano era uruguaio, viúvo de 38 anos, operário da Cervejaria Ritter, morador da rua Tiradentes, entre Marechal Deodoro e Paysandu, no local denominado de corredor do *Periquito*³⁹.

O mal a que o jornal se referia era a tuberculose pulmonar, a causadora do maior número de casos de mortalidade na cidade, vitimando, sobretudo, os mais pobres. Como uma moléstia contagiosa, ela poderia atingir qualquer pessoa que tivesse contato

³⁷ O jornal *Correio Mercantil* de 18 de maio de 1898, p. 1 já falava que o exemplo de Pelotas tinha sido copiado pelo Rio de Janeiro.

³⁸ Jornal *Diário Popular* de 8 de fevereiro de 1900, p. 2.

³⁹ Para os cortiços, existentes em grande número na cidade, havia muitas denominações como corredor, beco, portão, curral.

com o bacilo, mas em fábricas insalubres e casas deletérias sua disseminação dava-se com maior facilidade.

Considerações Finais:

A cidade de Francisco, Salvador, Cypriano, Paulo, Maria, João, Ariane, na virada do século XIX para o XX, passava por uma crise em seu modelo econômico, que se exacerbava em função da enorme concentração de renda existente.

Pelotas, reconhecida por seu desenvolvimento cultural, ao mesmo tempo em que contava com grupos teatrais, literários, artísticos, clubes, organizações e jornais, os mais diversos, não conseguia fazer com que ampla parcela da população participasse de tal desenvolvimento.

No campo da saúde, a situação era ainda mais problemática, já que as epidemias de febre tifóide, peste bubônica e varíola aconteciam em intervalos de tempo bastante curtos, afetando a cada dia um número crescente de pessoas.

Não obstante, se as epidemias costumavam dar pequenas tréguas, a tuberculose atingia de forma contínua milhares de pessoas, fossem os enfermos, fossem seus familiares.

A vida dos mais pobres, portanto, era permeada por inúmeras dificuldades, que no caso desta análise, deteve-se no acontecimento de doenças físicas e emocionais, como a depressão, a qual era tão forte que ocasionou verdadeiras levas de suicídio na cidade de Pelotas.

Abstract: The story of Francisco and Salvador's life allows us to think about the two most important representations regarding tuberculosis: a romantic perspective, and disease as a condition of social problem. This was caused by the city's experience of a period of cultural effervescence, result of a favorable economic situation, in the second half of the XIX century, which enabled the construction of numerous demonstrations in the field of arts and literature; moreover, after the exhaustion of the cycle of *charque*, had difficulties in finding other forms of productive development, so that thousands of people living in a very precarious situation, causing the spread of several diseases, among them tuberculosis.